

Contém trecho do livro inédito *O crepúsculo e a aurora*

# KEN FOLLETT



## NOTRE-DAME

A HISTÓRIA DE UMA CATEDRAL

OS DIREITOS AUTORAIS DESTE  
LIVRO SERÃO DOADOS PARA AJUDAR NA  
RECONSTRUÇÃO DA NOTRE-DAME.

Título original: *Notre-Dame*

Copyright © 2019 por Ken Follett

Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução*: Roberta Clapp e Bruno Fiuza

*preparo de originais*: Taís Monteiro

*revisão*: Hermínia Totti e Luis Américo Costa

*diagramação*: Ana Paula Daudt Brandão

*capa*: Penguin Random House Grupo Editorial

*adaptação de capa*: Gustavo Cardozo

*imagens de capa*: Bridgeman/ Fotoarena

*impressão e acabamento*: Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

F724n Follett, Ken

Notre-Dame / Ken Follett; tradução de Bruno Fiuza e Roberta Clapp. São Paulo: Arqueiro, 2020.  
112 p.: il.; 12,8 x 19,8 cm.

Tradução de: Notre-Dame  
ISBN 978-85-306-0151-5

1. Notre-Dame de Paris (Catedral). 2. Catedral – França – Paris. 3. Paris (França) – Edifícios, estrutura, etc. I. Fiuza, Bruno. II. Clapp, Roberta. III. Título.

20-63019

CDD: 726.5

CDU: 726:27-523.41 Catedrais

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

“Era um daqueles dias de primavera com tanta suavidade e beleza que Paris inteira, espalhada em praças públicas e passeios, festeja como se domingo fosse. Nesses dias de claridade, de calor e serenidade, há uma hora precisa em que seria importante admirar o pórtico de Notre Dame. É no momento em que o sol, já descendo para o poente, olha quase de frente a catedral. Seus raios, cada vez mais horizontais, lentamente se retiram do chão da praça e sobem ao longo da fachada vertiginosa, realçando com suas sombras os mil relevos esculpidos, enquanto a grande rosácea central flameja como um olho de ciclope, inflamado pela reverberação da forja.”

Victor Hugo,  
*O corcunda de Notre Dame*

“Hoje, em todos os idiomas, há quem chore por ela.”

*Paris Match*

# I

2019

A voz ao telefone falava em tom de urgência: “Estou em Paris. Ligue a televisão!”

Eu estava em casa, na cozinha, com Barbara, minha esposa. Havíamos acabado de jantar. Eu não tinha bebido nem uma gota de vinho, o que acabou sendo bom. Não sabia ainda, mas aquela seria uma longa noite.

A voz ao telefone era de uma velha amiga. Por ter ocupado os cargos de deputada e ministra, ela tinha atravessado diversas crises, sendo completamente imperturbável, mas naquele momento parecia em choque.

Você sabe o que vimos na tela: a magnífica Catedral de Notre-Dame de Paris, uma das maiores realizações da civilização europeia, em chamas.

Aquela visão nos deixou estupefatos e profundamente perturbados. Fiquei à beira das lágrimas. Algo inestimável estava morrendo diante dos nossos olhos. Era uma sensação desconcertante, como se a terra estivesse tremendo.

Eu conhecia bem a catedral. Uma vez, no Natal, Barbara e eu fomos lá assistir à missa da meia-noite. Milhares de pessoas lotavam a igreja. Uma luz fraca projetava sombras enormes nos corredores, as canções natalinas ecoavam pela nave e a abóbada sobre nossa cabeça estava tomada pela escuridão. A parte mais emocionante era saber que nossos ancestrais celebravam o Natal daquela mesma forma, naquela mesma igreja, havia mais de oitocentos anos.

Eu tinha visitado a catedral muitas outras vezes. Minha visão mais antiga dela era de 1966, primeira vez que passei férias fora do Reino Unido, embora eu acredite que aos 17 anos estava interessado demais nas meninas do nosso grupo para realmente prestar atenção em uma catedral. A visita mais recente tinha sido apenas quatro semanas antes, passando de carro pela Rive Gauche – como sempre, fiquei inebriado pela magnífica vista das torres gêmeas e dos arcobotantes.

Assim que comecei a pensar racionalmente sobre o que estava vendo na televisão, entendi o que estava em chamas e de que forma o fogo ganhava força, enquanto os jornalistas que faziam a cobertura, não – e por que deveriam? Eles não tinham estudado a arquitetura das catedrais góticas, mas eu sim, durante a pesquisa para escrever *Os pilares da Terra*, meu romance sobre a construção de uma catedral medieval fictícia. Uma cena fundamental no Capítulo Quatro descreve a antiga Catedral de Kingsbridge em chamas, e eu havia me perguntado: de que forma, exatamente, uma enorme igreja de pedra pega fogo?

Subi até o espaço empoeirado sob o telhado de catedrais como a da Cantuária e a de Florença. Fiquei de pé sobre as poderosas vigas que cortam a nave e observei os caibros que sustentam o telhado de chumbo. Reparei no tipo de entulho ressecado que geralmente se acumula nesses locais: pedaços velhos de madeira e de corda, embalagens de sanduíche deixadas por funcionários da manutenção, gravetos entrelaçados de ninhos de pássaros e colmeias de vespas. Eu tinha certeza de que o incêndio na Notre-Dame havia começado em algum ponto do telhado, provavelmente quando uma ponta de cigarro

ou uma faísca gerada por um curto-circuito fez com que algum desses detritos pegasse fogo, o que por sua vez incendiou a estrutura de madeira. E os danos resultantes provocavam risco de desabamento.

Decidi compartilhar aquele palpite com outras pessoas, então tuitei:

*Os caibros são formados por centenas de toneladas de madeira velha e bastante ressecada. Quando eles pegam fogo, o telhado desaba e, ao cair, os destroços arrasam o teto abobadado, que também desaba, destruindo os enormes pilares de pedra que mantêm a estrutura toda de pé.*

Isso acabou por se mostrar quase inteiramente correto, exceto pelo fato de que eu subestimei a força dos pilares e das abóbadas, que ficaram danificados, mas por sorte não foram totalmente destruídos.

Eis como se deu a destruição da Catedral de Kingsbridge em *Os pilares da Terra*, do ponto de vista do prior Philip:

*O estrondo de algo quebrando o fez levantar a cabeça. Imediatamente acima dele, uma imensa viga embor-*

*cava lentamente. Ia cair em cima de Philip. Ele correu de volta até o transepto sul, onde Cuthbert estava parado com uma expressão assustada. Um pedaço inteiro do telhado – três triângulos de vigas e empenas mais as placas de chumbo presas a eles – estava desabando. Philip e Cuthbert ficaram olhando, petrificados, sem ligar para a própria segurança. O telhado desabou por cima de um dos grandes arcos arredondados do coro. O peso descomunal da madeira e do chumbo fez as pedras do arco racharem, provocando uma explosão longa parecida com um trovão. Tudo aconteceu bem lentamente: as tábuas caíram devagar, o arco rachou devagar e as pedras soltas despencaram no ar devagar. Outras vigas do telhado se soltaram, e então, com um barulho semelhante a um longo e lento rufar de trovão, uma parte inteira da parede norte da chancela estremeceu e tombou para dentro do transepto norte.*

*Philip estava arrasado. A visão de um edifício daquela imponência sendo destruído era estranhamente chocante. Era como ver uma montanha ruir ou um rio secar: ele nunca chegara a pensar que aquilo pudesse acontecer. Mal podia acreditar nos próprios olhos.*

Em 15 de abril de 2019, enquanto a noite caía, a população de Paris foi para as ruas, e as emissoras

de televisão exibiram milhares de rostos enlutados iluminados pelas chamas, alguns entoando hinos, outros apenas em lágrimas enquanto observavam sua amada catedral arder. O tuíte que provocou as reações mais autênticas dos meus seguidores naquela noite dizia:

*Français, françaises, nous partageons votre tristesse.  
Franceses, francesas, nós compartilhamos de  
sua tristeza.*

O correto seria *nous partageons*, com “e”, mas ninguém se importou.

Há pessoas que entendem mais de catedrais medievais do que eu, mas os jornalistas não sabiam o nome delas. Eles sabiam o meu por causa dos meus livros, e sabiam que *Os pilares da Terra* é sobre uma catedral, de modo que, em questão de minutos, comecei a receber mensagens das redações. Passei aquela noite inteira dando entrevistas para canais de televisão, para rádios e jornais, explicando, em inglês e em francês, o que estava acontecendo na Île de la Cité.

Ao mesmo tempo que dava as entrevistas, eu acompanhava a cobertura.

O pináculo central, esguio como uma ponta de flecha e com quase 100 metros de altura, era um provável ponto de origem do incêndio, e agora ardia como o inferno. Era feito de 500 toneladas de vigas de carvalho, com um teto de chumbo de 250 toneladas, e a madeira em chamas logo se tornou fraca demais para suportar todo o peso do metal. O momento mais tocante da noite, para a multidão de luto nas ruas e para os milhões de espectadores horrorizados diante da TV, foi quando o pináculo tombou para o lado, partiu-se ao meio como se fosse um palito de fósforo e desabou sobre o telhado em chamas da nave.

A Notre-Dame sempre pareceu eterna, e os responsáveis por sua construção na Idade Média sem dúvida acreditavam que ela duraria até o Juízo Final. Mas, de repente, vimos que ela poderia ser destruída. Na vida de toda criança existe o momento doloroso em que ela percebe que o pai não é todo-poderoso nem infalível. Ele tem fraquezas, está sujeito a doenças e um dia irá morrer. O desabamento do pináculo me fez pensar nesse momento.

Parecia que a nave já estava arruinada. Acreditei ter visto chamas em uma das duas torres e sabia que, se elas caíssem, a igreja inteira seria destruída.

O presidente Emmanuel Macron, um líder modernizador radical que estava no meio de uma batalha amarga e violenta com a parcela da população que não aprovava suas reformas, se pronunciou diante das câmeras e se tornou, pelo menos por algum tempo, o legítimo líder de uma nação francesa unida. Ele impressionou o mundo e trouxe lágrimas aos olhos deste galês quando disse, com firme convicção: “*Nous rebâtirons.*” “Nós vamos reconstruir.”

Fui dormir à meia-noite e ajustei o despertador para as quatro e meia, pois o último telefonema que tinha recebido fora um convite para participar de um programa matinal no dia seguinte.

Eu temia que o sol se levantasse sobre uma pilha fumegante de escombros na Île de la Cité, onde a Notre-Dame se erguia repleta de orgulho. Fiquei extremamente emocionado ao ver que a maior parte das paredes ainda estava de pé, assim como o magnífico par de torres quadradas da fachada ocidental. Não havia sido tão ruim quanto o mundo temia, e eu me dirigi ao estúdio de televisão com uma mensagem de esperança.

Passei a terça-feira toda dando entrevistas e, na quarta, viajei para Paris a fim de participar de um

debate no programa de TV *La Grande Librairie* sobre o simbolismo das catedrais na literatura e na vida.

Para mim, não fazia nenhum sentido ficar em casa. Eu admirava demais a Notre-Dame. Não sou religioso, mas frequento a igreja mesmo assim. Amo a arquitetura, a música, os ensinamentos da Bíblia e a sensação de compartilhar algo profundo com outras pessoas. Já há muito tempo encontro uma enorme paz espiritual nas grandes catedrais, assim como outros milhões de pessoas, sejam crentes ou não. E tenho outro motivo para ser grato às catedrais: meu amor por elas inspirou o romance que é sem dúvida meu livro mais popular, e talvez o melhor deles.

O presidente Macron disse que a Notre-Dame seria reconstruída em cinco anos. Um jornal francês respondeu com a manchete “Macron acredita em milagres”. Mas a ligação dos franceses com a catedral é muito intensa. Ela foi palco de alguns dos principais eventos da história francesa. Toda placa de estrada que diz a que distância você se encontra de Paris informa a distância até o Ponto Zero, uma estrela de bronze incrustada no pavimento em frente à Notre-Dame. O grande sino chamado Emmanuel, na torre sul, pode ser ouvido por toda a cidade quando toca seu profundo fá para anunciar

alegria ou tristeza – o fim de uma guerra ou uma tragédia como o 11 de Setembro.

Além disso, não é sábio subestimar os franceses. Se existe alguém capaz de empreender essa tarefa, são eles.

Antes que eu fosse embora de Paris, minha editora francesa me perguntou se eu cogitava escrever algo inédito sobre o meu amor pela Notre-Dame, à luz do terrível acontecimento de 15 de abril. Os lucros do livro iriam para o fundo de reconstrução, assim como meus direitos autorais. “Sim”, respondi. “Começo amanhã.”

Isto é o que escrevi.



*O autor (à direita) conversando com Philippe Villeneuve, arquiteto-chefe da reconstrução da Notre-Dame*

## CONHEÇA OS LIVROS DE KEN FOLLETT

Os pilares da Terra (e-book)

Mundo sem fim

Coluna de fogo

Um lugar chamado liberdade

As espãs do Dia D

Noite sobre as águas

O homem de São Petersburgo

A chave de Rebecca

O voo da vespa

Contagem regressiva

O buraco da agulha

Tripla espionagem

Uma fortuna perigosa

Notre-Dame

O SÉCULO

Queda de gigantes

Inverno do mundo

Eternidade por um fio

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

